



Joana Astolfi

ENTRE A ARQUITETURA, O DESIGN E A ARTE, JOANA ASTOLFI AFIRMOU-SE PELA CURADORIA SINGULAR DE OBJETOS. ACABADA DE SE MUDAR PARA UMA CASA NOVA, A FUNDADORA DO STUDIO ASTOLFI PARTILHA AQUELES PARA OS QUAIS GOSTA DE OLHAR TODOS OS DIAS.

TEXTO
MARIANA ABREU GARCIA

FOTOGRAFIA
MANUEL MANSO



ALGO QUE EVOQUE MEMÓRIAS

A minha vitrina, uma espécie de lugar sagrado. Nesta nova casa, reduzi-a bastante. Tem uma data de objetos pequeninos e simbólicos: o cordão umbilical da minha filha, os óculos de massa do meu pai, um trevo de quatro folhas imortalizado em resina, o relógio do meu avô Zé, uma cassete da Maria Bethânia que salvou a vida ao meu pai em dado momento, uma parte da minha coleção de pássaros em porcelana...

NAS CORES e nas texturas, nos objetos escolhidos a dedo e nas histórias que cada peça tem – este é, sem dúvida, um projeto de Joana Astolfi. A artista mudou-se para a casa nova, em Lisboa, no final do verão passado, e tem vindo a decorá-la de forma conscienciosa. “Estou com muito cuidadinho”, conta entre risos. “A cada coisa que ponho em cima de um aparador, penso: ‘Queres mesmo olhar para este objeto todos os dias?’ E tem-me sabido bem esta seleção.”

A arquiteta já teve muitas moradas, durante algum tempo fora do país. Viveu no Reino Unido, na Alemanha, em Itália, e ao fim de 12 anos regressou a Portugal para abrir o Studio Astolfi. Em equipa, o ateliê esbate as barreiras entre arquitetura, design e arte, com projetos que transformam espaços em experiências. A arte de Joana Astolfi é, em todo o caso, a narrativa visual: conta histórias tanto na arquitetura como em montras de lojas, em design de interiores ou em exposições. Ao longo dos últimos 15 anos, tem trabalhado com marcas como Hermès e Vista Alegre.

O percurso de Astolfi, repleto de histórias e de objetos que a recordam, está espelhado na nova casa. O apartamento divide-se em dois andares: no de cima, ficam os quartos e um escritório; em baixo, todas as áreas comuns. A cozinha, separada da sala apenas por portas de correr, dá acesso ao terraço, onde só se ouvem passarinhos, apesar de estarmos no coração da cidade. A sala de estar, ampla e com um pé-direito fora de série, é o epicentro da casa.

Ali se reúnem a maioria dos objetos escolhidos por Astolfi para constar neste novo capítulo. Os verdes da antiga casa deram lugar aos tons terracota, inspirados nas viagens a Marrocos. Os espaços por preencher ganharam expressão e colocam agora em destaque as peças meticulosamente dispostas. Cada uma delas conta uma história, que é, sem exceção, pessoal.



A ÚLTIMA COISA QUE COMPREI

Um quadro em tecido da Cristina Lamas, na última Drawing Room Lisboa, um projeto curatorial focado em papel e em desenho contemporâneo. É a minha feira preferida, gosto sempre de comprar uma peça lá. Esta trouxe-a já a pensar nesta nova casa, em que os tons terracota estão tão presentes.

UM OBJETO QUE DESENHEI

A pochete em palma que criei este ano, em conjunto com a Sónia e a Susana Mendez, numa residência artística focada em materiais de origem vegetal, organizada pela Passa ao Futuro. Foi um momento muito bom para mim, em que parei e me dediquei inteiramente a isto. O desenho, que é meu, mostra um burro, que me transporta sempre para o sul de Portugal, e um menino em cima dele, a fazer o pino. Gosto de incluir este lado lúdico em tudo.



A PEÇA QUE É MAIS A MINHA CARA

Um Rolodex. É dos Estados Unidos, dos anos 50, servia para guardar contactos, como uma agenda. Enchi-o de fotografias, de memórias. É muito eu, não só porque era antigo e agora também é contemporâneo, mas também por ter um lado muito visual.

UMA COISA QUE NÃO É O QUE PARECE

A meia e o cinzeiro em cerâmica que tenho na mesa de centro. São peças do Alexandre da Silva, Alquimista Ceramics. Alteram a materialidade das coisas e põem-me um sorriso nos lábios. Já me partiram várias vezes a meia e já perdi a conta a quantas pessoas puseram lixo no cinzeiro.





A MAIOR PECHINCHA QUE ENCONTREI

Quando vou ao Alentejo, gosto sempre de visitar artesãos. Certa vez, fui conhecer um oleiro no Redondo e, por trás da oficina, no armazém, ele tinha peças acumuladas, tentativas falhadas... Perguntei-lhe por esta peça e ele desvalorizou. Pediu-me 20€ por ela e eu acabei por lhe dar 40€. Fiquei tão contente com esta compra. Já a usei várias vezes, para servir bebidas e sobremesas.

UM LIVRO ESSENCIAL

Small Pleasures, editado pela The School of Life. Sou uma pessoa visual, não tenho paciência para ler, mas regresso muito a este livro. Acho-o maravilhoso. Tem reflexões curtas em capítulos com nomes como “Kissing”, “The Song You Want to Listen to Again and Again”, “Figs”, “Grandmothers”, “Children’s Drawings”. É simplesmente lindo. E eu sou muito de apreciar os pequenos prazeres da vida.

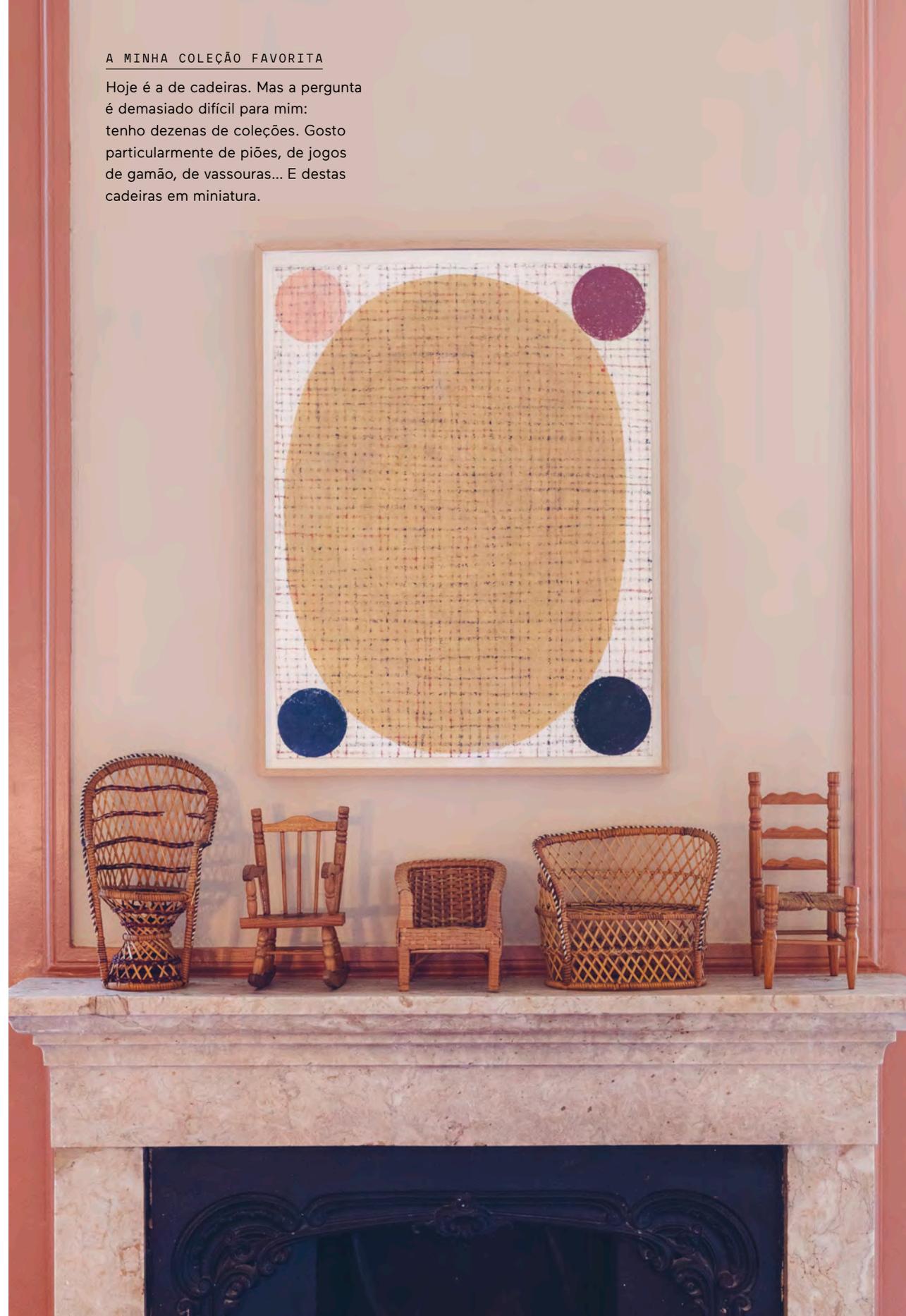


A COISA MENOS “JOANA ASTOLFI” QUE TENHO

A estátua em talha de madeira trabalhada do início do século XIX com que fiquei, de casa da minha avó Nena. O objeto não tem nada a ver comigo: não só não acredito em Deus, como me assustam estátuas de santos – chego a virá-las ao contrário em quartos de hotel. Mas esta peça transporta-me para o Rio de Janeiro e para uma pessoa que eu amo.

A MINHA COLEÇÃO FAVORITA

Hoje é a de cadeiras. Mas a pergunta é demasiado difícil para mim: tenho dezenas de coleções. Gosto particularmente de piões, de jogos de gamão, de vassouras... E destas cadeiras em miniatura.





O MELHOR PRESENTE QUE DEI

Uma carta de amor para a [minha filha] Duna. Há uns anos, a revista *Vogue* lançou-me o desafio de escrever uma carta de amor. Demorei imenso tempo a escrevê-la: era tanta responsabilidade e tanto amor. Depois de a escrever, convidei a Rita Kroh para a materializar. A página é em linho e as letras são bordadas à mão, letra a letra.

UM OBJETO QUE GOSTAVA DE TER SIDO EU A DESENHAR

Um jogo em madeira, que comprei na loja da Vitra, depois de visitar a fábrica. Trouxe para a Duna, mas hoje uso como ferramenta de trabalho. Vou brincando com as peças e criando espaços e composições geométricas. Anda sempre entre o estúdio e a minha casa.

